

A Diáspora como Base da Identidade Cabo-Verdiana em *Ilhéu dos Pássaros*, de Orlanda Amarílis, e *Chiquinho*, de Baltasar Lopes

RESUMO: As agrestes condições ambientais das ilhas do arquipélago de Cabo Verde dão o mote para a temática da emigração, justificada como escape a uma vida miserável de trabalho árduo, ameaçada pela fome. A identidade cabo-verdiana passa pela vivência dessa realidade, sem, no entanto, estar restrita aos limites geográficos do arquipélago. De acordo com a interpretação de Bradley Smith, ser cabo-verdiano é assumir uma identidade fundacionalmente diaspórica, caracterizada pelo hibridismo da mestiçagem e por uma condição de dupla consciência em reverso (subversão da tese de Paul Gilroy). Baltasar Lopes, em *Chiquinho*, e Orlanda Amarílis, em *Ilhéu dos Pássaros*, usam com mestria o mote da emigração, abrangendo diversas fases de desenvolvimento do país e consequentes mudanças de mentalidade, pelo que apresentam visões distintas das possibilidades diaspóricas para lá das ilhas. Será igualmente dado destaque à importância da língua na formação da identidade nacional, através da competição do crioulo cabo-verdiano não só com o português-padrão, em contexto de ascensão social nos regimes colonial e pós-colonial, mas também com outras línguas estrangeiras de utilidade em contexto diaspórico, como o inglês ou o francês.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, Emigração, Diáspora Cabo-Verdiana, Crioulo

ABSTRACT: The harsh environmental conditions of the Cape Verde islands introduce the theme of emigration as a justifiable escape from a miserable life of hard work, threatened by starvation. Cape-Verdean identity is built upon the experience of that reality, without being confined to the geographical borders of the archipelago. According to Bradley Smith's definition, being Cape-Verdean means assuming a foundationally diasporic identity, characterized by hybrid miscegenation and by a feeling of double consciousness in reverse (subverting Paul Gilroy's thesis). Baltasar Lopes, in *Chiquinho*, and Orlanda Amarílis, in *Ilhéu dos Pássaros*, skillfully use the motto of emigration in a broad sense, which encompasses different phases of country development and the mentality

changes that follow, thus presenting distinct views of the diasporic possibilities beyond the islands. This article will also highlight the importance of language in the formation of national identity, through competition faced by creole against standard Portuguese (in the context of social mobility in colonial and post-colonial regimes) and other foreign languages, like English or French (useful in the diaspora).

KEYWORDS: Identity, Emigration, Cape-Verdean Diaspora, Creole

1. Introdução: *Claridade*, Baltasar Lopes e *Chiquinho*; *Certeza*, Orlanda Amarílis e *Ilhéu dos Pássaros*

Baltasar Lopes (1907-1989) e Orlanda Amarílis (1924-2014) são dois dos nomes mais proeminentes na literatura cabo-verdiana. Partindo da análise crítica do romance *Chiquinho* (1947) de Lopes, e do volume de contos *Ilhéu dos Pássaros* (1982), de Amarílis, será explorada neste artigo a temática da emigração como fator da construção identitária cabo-verdiana. A fundamentação teórica terá por base a noção de Bradley Smith, desenvolvida na sua análise de *Chiquinho*, de uma identidade de dupla não-pertença, fundacionalmente diaspórica, e a originalidade da experiência diaspórica da comunidade cabo-verdiana nos Estados Unidos, defendida por Marilyn Halter. A descrição histórica do percurso de Cabo Verde de colónia portuguesa a território independente e a relação de Lopes e Amarílis com os movimentos das revistas *Claridade* e *Certeza* serão relevantes para perceber o contexto histórico, político e ideológico das duas obras literárias e as relações estabelecidas neste artigo entre elas.

As revistas *Claridade* (nove números entre 1936 e 1960) e *Certeza* (três edições entre 1944 e 1945) informam a produção literária de Lopes e Amarílis, respetivamente. A revista *Claridade* foi a primeira tentativa real da procura de uma voz crítica que se insurgia contra a condição social e política da colónia portuguesa, apesar de estar fortemente limitada pela censura do regime ditatorial em vigor na metrópole (Brookshaw 182). Fundada em 1936 por Jorge Barbosa, Baltasar Lopes e Manuel Lopes, *Claridade* iniciou um movimento literário que considerava as referências da seca e da emigração como fundacionais na formação da identidade cabo-verdiana. Advogavam o orgulho na mestiçagem e promoviam o crioulo como língua da cultura, ainda que o considerassem como um dialeto do português-padrão. Alguns dos capítulos de *Chiquinho* apareceram em números

da revista antes da sua publicação em forma de romance, em 1947. São visíveis as influências autobiográficas de Baltasar Lopes na personagem que dá título à obra que, tal como o autor, é natural da povoação de Caleijão, na ilha de S. Nicolau. Neste *bildungsroman* (romance de aprendizagem) acompanhamos, pela voz do próprio, o percurso de Chiquinho desde Caleijão, onde nasceu, passando por São Vicente, para continuar os seus estudos, de volta a São Nicolau, onde se torna professor, e, por fim, rumo aos Estados Unidos, para fugir à crise social e económica da seca e da fome e reunir-se com o pai, emigrante em New Bedford.¹

O romance de Lopes, fundacional na literatura e constituição identitária cabo-verdianas, foi pela primeira vez, em 2019, traduzido para inglês, e publicado simbolicamente no espaço americano que se tornou o destino migratório de gerações de ilhéus, Nova Inglaterra, com o título *Chiquinho: A Novel of Cabo Verde*. Este esforço académico ilustra a crescente visibilidade de uma comunidade que, durante décadas, viveu na margem da sociedade estado-unidense, como demonstrarei de seguida. Ao contrário de *Chiquinho*, vários contos de Amarílis estão, desde a década de 1980, traduzidos para alemão e para inglês, em antologias de contos (*Frauen in der Dritten Welt*, 1986, e *Across the Atlantic: An Anthology of Cape Verdean Literature*, 1986, respetivamente). De acordo com a “Nota Bibliográfica” em *Cais-do-Sodré Té Salamansa*, redigida por Manuel Ferreira, vários contos de Amarílis estão traduzidos para holandês, húngaro, italiano e russo (Ferreira 7-8). A abrangência dos espaços linguísticos das traduções ilustra o facto de a obra da autora ter tido, desde cedo, uma maior exposição internacional que Lopes.

O escritor português Manuel Ferreira, futuro marido de Orlanda Amarílis, e um dos maiores especialistas nas literaturas africanas de expressão portuguesa, funda, com um grupo de intelectuais cabo-verdianos, a revista *Certeza*, em 1944. Inspirada no pensamento marxista e no movimento literário neorealista português, vai continuar o percurso da caboverdianidade já iniciado na revista *Claridade*. Tal como os claridosos, defende a singularidade da cultura cabo-verdiana e o uso do crioulo como língua da cultura; contudo, faz uma crítica à anterior atitude eurocentrista e à recusa das influências africanas na língua crioula e no folclore das ilhas. De acordo com um dos intelectuais do movimento *Certeza*, Onésimo Silveira, é preciso “tornar o homem comum cabo-verdiano consciente do seu destino africano” (Laranjeira 221). É a consciência do destino africano que Amarílis problematiza na sua escrita, em particular na coletânea de contos *Ilhéu dos Pássaros*, em que se torna evidente a ligação entre as ilhas e o território continental.

Apesar da maior parte das suas obras ser publicada depois da independência (*Ilhéu dos Pássaros* é de 1982), Amarílis é uma autora associada à revista *Certeza* – foi a única mulher a fazer parte do movimento. Ao contrário dos escritores de *Claridade*, em que a experiência da mulher era secundária, as obras de Amarílis oferecem uma perspetiva feminina da situação social cabo-verdiana e da diáspora europeia, na linguagem das “mulheres contidas, a caminho de libertarem-se do código de manifestações que a sociedade masculina ao longo dos tempos lhes impôs” (Abdala Junior 215). Para Gregory McNab, que também escreveu sobre Amarílis, a vitimização de uma mulher transforma-se no paradigma de vitimização e exploração da população cabo-verdiana em geral; assim, a identidade feminina e a identidade nacional sobrepõem-se (67). Amarílis aborda o tema da diáspora e o sentimento de desadequação social com a legitimidade de alguém que, à semelhança de algumas das suas personagens, viveu uma vida de itinerância, escrevendo fora das fronteiras físicas de Cabo Verde. Nos seus contos explora a oralidade, numa escrita que cruza o português-padrão com versões do crioulo das diferentes ilhas, assumindo orgulhosamente a africanidade da cultura cabo-verdiana. Para Amarílis, o escritor tem um dever para com a sua terra: o de preservar, através do registo escrito, as tradições culturais do país. Diz a autora, em entrevista a Laban, que “[q]uando surge um país novo e se esse país é o nosso, há deveres aos quais não podemos negar o nosso contributo. Além de que esses registos podem vir a contribuir para o espólio cultural do futuro” (Laban 278).

2. Cabo Verde e os Movimentos Migratórios

O arquipélago de Cabo Verde, espaço privilegiado das duas obras aqui em análise, é formado por um conjunto de dez ilhas e dezasseis ilhéus – um dos quais será alvo de análise, o dos Pássaros. De constituição maioritariamente vulcânica, o solo das ilhas é árido e de difícil cultivo, pelo que a exploração agrícola nunca foi um dos fatores económicos relevantes para o desenvolvimento do país. A isso se junta uma escassa e irregular época de chuva, de agosto a outubro, com períodos extensos de seca. A situação económica precária reflete-se no limitado acesso a meios de subsistência, com consequências devastadoras para a população, já debilitada. *The Cape Verde Islands: From Slavery to Modern Times*, de Elisa Andrade (1973), ou *Historic Dictionary of the Republic of Cape Verde*, de Richard A. Lobban Jr. e Paul Khalil Saucier (2007), são duas referências relevantes que estabelecem a ligação entre a história do país e a pobreza e exploração das suas gentes, bem como a preocupação com o desenvolvimento socioeconómico das

ilhas. Será essa pobreza o fator impulsionador dos movimentos migratórios para os Estados Unidos e para a Europa, retratados nos textos de Lopes e Amarílis – as experiências diaspóricas e um constante estado de desadequação informam a identidade cabo-verdiana nas duas obras.

Desabitado aquando da sua descoberta pelos navegadores portugueses no século XV, Cabo Verde tornou-se no mais importante entreposto comercial para o crescente tráfico dos navios negreiros entre África e Portugal ou Brasil, trazendo prosperidade às ilhas. O estabelecimento de uma colónia foi motivado pela sua localização estratégica nas rotas comerciais portuguesas (Challinor 88). Com o declínio da escravatura, no século XIX, os seus portos passaram a ser paragem obrigatória nas rotas dos baleeiros americanos a caminho dos mares do sul, cuja navegação é explorada largamente em *Chiquinho*. A emigração surge, desde cedo, como derradeiro recurso para escapar de um país sem futuro. Durante o século XIX e primeiras décadas do século XX, retratadas por Baltasar Lopes, o destino preferencial fora os Estados Unidos, principalmente a zona de Nova Inglaterra. Fazer parte da tripulação de um navio baleeiro ou trabalhar nas fábricas de algodão eram destinos comuns para os emigrantes cabo-verdianos. Décadas depois, algumas das personagens de *Ilhéu dos Pássaros* ilustram uma nova tendência: com o decréscimo da procura de mão-de-obra e as restrições impostas pelas leis migratórias, as atenções voltaram-se para a Europa, com países como França, Suíça ou Portugal atraindo as massas migrantes.

Para a população cabo-verdiana, “a migração é estrutural enquanto estratégia de sobrevivência” (Challinor 84). Sob dominação portuguesa durante séculos, Cabo Verde tornou-se independente a 5 de julho de 1975 – ano seguinte ao da revolução de 25 de abril, que pôs fim à ditadura salazarista em Portugal. A falta de recursos e a má gestão colonial trouxeram resultados desencorajadores para o território, economicamente fraco: a distribuição severamente desigual de terras aliou-se a vários anos de seca, para revelar níveis extremamente baixos de subsistência e uma elevada taxa de mortalidade. A isso se junta um modelo de governação colonial que omitiu a necessidade de fazer esforços em prol do desenvolvimento do país ou de enviar ajuda, pelo que a situação política, social e económica ficou insustentável (Andrade 264-290). A emigração surge novamente como recurso da população carenciada, que sai das ilhas em busca de melhorias.

Quer Lopes quer Amarílis exaltam a miscigenação e criouliização da cultura das ilhas, dando-lhe grande destaque na sua produção literária. Elizabeth Challinor descreve a sociedade cabo-verdiana como uma mistura entre africanos

escravizados, trazidos do continente africano, e os seus donos portugueses, sendo que estas relações íntimas (quer no que toca à proximidade vivencial quer no que concerne a miscigenação) entre colonizadores e colonizados acabaram por diluir as fronteiras sociais e as rígidas divisões entre brancos e negros (88). A população das ilhas, que se define como crioula, foi o resultado da colonização portuguesa; é maioritariamente miscigenada, com características europeias e africanas presentes no mestiço, ou mulato. A cultura do país apresenta-se igualmente como uma mistura de tradições europeias e africanas, discerníveis ao nível da comida, da música e da língua comum a todas as ilhas do arquipélago, o crioulo (com variantes regionais), falada e compreendida nas várias classes sociais.

3. Consciência Diaspórica e Identidade

Between Race and Ethnicity: Cape Verdean American Immigrants, 1860-1965, de Marilyn Halter (1993), visa a realidade da diáspora cabo-verdiana nos Estados Unidos, focando-se no conceito de “dupla invisibilidade” como fundacional na construção da identidade cabo-verdiana. No estudo de Halter, destaca-se o facto de Cabo Verde ter sido local de recrutamento de mão-de-obra barata: a eficiência dos trabalhadores, tanto nos navios como nas fábricas têxteis americanas, não lhes garantia pagamentos adequados; apesar de se saberem explorados, o desespero de fugir à crise impelia-os à deslocação para destinos mais prósperos. Halter defende que a comunidade de “Cape-Verdean Americans” é a única com peso significativo no conjunto das comunidades americanas de descendência africana a ter feito voluntariamente a viagem transatlântica, ao contrário de todas as outras, relocadas no âmbito do tráfico de escravos. Devido às condições históricas que o tornaram possível, o empreendedorismo da comunidade cabo-verdiana nos Estados Unidos, no que toca ao controlo dos meios de passagem e entrada no país, apresenta-se como um outro aspeto da sua singularidade: no final do século XIX, com o declínio da indústria baleeira, os navios de pesca tornaram-se obsoletos e ficaram disponíveis a baixo custo. Alguns dos primeiros emigrantes cabo-verdianos tiraram partido dessa oportunidade e converteram os navios de pesca em navios de transporte de mercadorias e de passageiros, conhecidos como paquetes ou vapores, passando a fazer viagens regulares entre os portos de New Bedford e Providence e as ilhas de Cabo Verde.²

Apesar da longa história da imigração cabo-verdiana para os Estados Unidos, a obscuridade da comunidade cabo-verdiana nesse país encontrava apenas paralelo na histórica falta de reconhecimento dentro do império colonial português,

pelo que a antropóloga Deidre Meintel a descreve como duplamente invisível (Halter 6). Bradley Smith enfatiza a manifestação do poder colonial através da ausência, uma vez que funciona através do abandono da colónia aos caprichos atmosféricos e da economia global (250). Ser cabo-verdiano equivalia a estar à margem do império português – que nunca priorizou o investimento económico na colónia – e, simultaneamente, ser parte de uma diáspora duplamente marginalizada (quer nos Estados Unidos, destino migratório das personagens do romance de Lopes, quer nos territórios europeus como Portugal ou França, retratados nos contos de Amarilis). Enquanto sujeitos coloniais de cidadania portuguesa, os imigrantes cabo-verdianos procuravam, nos Estados Unidos, o reconhecimento enquanto “Portuguese Americans”; no entanto, acabaram afastados tanto da comunidade portuguesa branca (de origem madeirense ou açoriana), como da sociedade americana, simplisticamente estratificada entre brancos e negros, que os identificava como “Black Americans” (a quem direitos civis básicos eram negados). Podemos afirmar que a comunidade cabo-verdiana vivia um dilema entre, por um lado, a exclusão destas duas classes que se identificavam como brancas (a americana e a dos imigrantes portugueses) e, por outro, uma dupla pertença representada pela mestiçagem crioula, através de uma cultura de base simbiótica afro-europeia. Estima-se que a diáspora cabo-verdiana seja o dobro da população das ilhas (Rodrigues, “Cape Verde”), pelo que a ligação entre quem parte e quem fica seja uma parte significativa da constituição identitária cabo-verdiana, à qual se pode atribuir o que James Clifford designa por “consciência diaspórica.” Esta consciência diaspórica é formada por aspetos positivos e negativos: constitui-se positivamente através da identificação das comunidades imigradas com forças culturais e políticas histórico-mundiais; contudo, tem de negativo as experiências de discriminação e exclusão, reforçadas por restrições socioeconómicas e limitadas oportunidades de progresso (256). A busca por melhores condições de vida de quem emigra liga-se à esperança no progresso e prosperidade de Cabo Verde, possíveis em grande parte devido às remessas (em géneros e capital) enviadas pelos emigrantes aos familiares que permanecem nas ilhas. A consciência diaspórica de origem híbrida ou mestiça, desenvolvida por Bradley Smith em “Other Atlantics: Cape Verde, Chiquinho and the Black Atlantic World,” será pertinente para a análise comparativa das obras de Lopes e de Amarilis, abaixo. Os textos literários deste autor e desta autora ilustram o dilema da emigração como única forma de proporcionar o sustento da família, apesar das limitações encontradas nos países de

acolhimento – principalmente no que diz respeito à discriminação e exclusão, como refere Clifford.

Na esteira da interpretação histórica da comunidade imigrante cabo-verdiana nos Estados Unidos por Halter, Bradley Smith, na sua leitura de *Chiquinho*, aproveita o conceito de “double consciousness,” originalmente cunhado por W. E. B. Du Bois e trabalhado por Paul Gilroy em *The Black Atlantic* (1993), atualizando-o, no entanto, numa dupla consciência em reverso, de não pertença nem à comunidade europeia/americana nem à comunidade negra como Gilroy a entendia – a mestiçagem cabo-verdiana não se encaixa, segundo Smith, no conceito fechado de “blackness” de Gilroy. Partindo da premissa de Smith de que mais cabo-verdianos vivam fora das ilhas do que no arquipélago, a diáspora tem de ser obrigatoriamente tida em consideração na construção da identidade nacional.³ Smith destaca dois conceitos fundamentais na obra de Gilroy: “dupla consciência” e “diáspora.” Fazer parte do Atlântico Negro é, para Gilroy, estar dividido entre duas realidades: o Eu encontra-se fragmentado entre os polos africano e europeu/americano; a identidade diaspórica configura-se assim como um modo transnacional de comunidade, de dupla pertença. Contudo, segundo Smith, o carácter singular da diáspora cabo-verdiana faz com que o sentimento de dupla pertença se inverta numa consciência de dupla não-pertença, fugindo, dessa forma, ao influente paradigma formulado por Gilroy: no romance de Lopes, a negligência portuguesa em relação ao território cabo-verdiano não permite considerar o arquipélago como parte significativa do estado português (europeu), do mesmo modo que a aparente distância das origens europeias não permite a afirmação de uma extensiva africanidade (Smith 251). Na sua análise de *Chiquinho*, romance em que a personagem principal com o mesmo nome convive de perto com a realidade diaspórica (o pai e vários outros homens partiram das ilhas em busca de uma vida melhor), Smith destaca o facto de os emigrantes cabo-verdianos serem conhecidos nos Estados Unidos como “Black Portuguese,” negligenciados tanto pela comunidade portuguesa, por serem originários de um território colonial, quanto pela sociedade americana branca, que os classificava como negros. Apesar de referir-se apenas à realidade da diáspora cabo-verdiana nos Estados Unidos, o argumento de Smith é também pertinente no contexto da diáspora presente em territórios europeus, sobretudo Portugal e França, dois dos destinos para onde emigram as personagens dos contos de Amarilis. Para Smith, a fundação da identidade cabo-verdiana assenta na consciência diaspórica de origem híbrida ou mestiça: a diversidade étnica, consubstanciada

na criouldade, terá um papel de maior destaque por oposição à solidariedade racial transnacional assente na negritude, como defende Gilroy. A isso se junta o tropo da ausência do pai, uma constante na literatura portuguesa, passível de ser observado nas figuras do avô e do pai de *Chiquinho*, ausentes da vida do protagonista do romance (Smith 249-51). Os contos de Amarílis evidenciam igualmente uma ausência masculina; as protagonistas são, na sua maioria, mulheres que, num primeiro momento, estão confinadas às ilhas, e que depois vão em busca de novas oportunidades fora do arquipélago. Em Cabo Verde, é notória a ausência de adultos do sexo masculino nos núcleos familiares.⁴

O pai ausente a que Smith se refere não se limita à figura paterna apartada da família; é também o colonizador português que negligencia o território cabo-verdiano com a sua ausência de investimentos no país. Nas palavras de Alfredo Margarido, Portugal visto a partir de Cabo Verde é o “lugar distante e vazio, que envia autoridades incompetentes e incapazes” (cit. em Sapega 165). Este colonizador ausente é representado, em *Chiquinho*, na figura do Ministro das Colónias, a quem Andrézinho envia um telegrama para pedir ajuda para resolver a crise de fome e que fica, contudo, sem resposta, revelando a incompetência e incapacidade (aliada à falta de vontade) da metrópole de solucionar os problemas da então colónia portuguesa. Apesar de ausente, o pai colonial deixa marcas profundas nas ilhas e nos seus habitantes, marcas essas que se tornam constitutivas da identidade cabo-verdiana que, apesar dos muitos traços de originalidade, não está assim tão distante daquela do colonizador – um dos exemplos será o generalizado orgulho cabo-verdiano nas suas raízes europeias, que os diferencia dos africanos continentais. Challinor refere que o caboverdianismo defendido pela revista *Claridade*, criada ainda no período colonial, deu mais ênfase às raízes europeias do que às africanas na construção da identidade crioula (87). Pelo contrário, a defesa das raízes africanas será mais enfatizada na *Certeza* e, por conseguinte, está mais visível na coletânea de Amarílis, contribuidora da revista. De certa forma, *Ilhéu dos Pássaros* pode ser lido como uma reinterpretção de *Chiquinho*. As principais dicotomias presentes nos dois textos serão exploradas de seguida.

4. Visão Utópica e Distópica dos Destinos da Diáspora Cabo-Verdiana

As obras *Chiquinho* e *Ilhéu dos Pássaros* ambas se debruçam sobre a realidade da diáspora, oferecendo visões opostas, uma utópica, a outra distópica, sobre os destinos de emigração – Estados Unidos e Europa, respetivamente. De forma

abrangente, podemos dizer que, em *Chiquinho*, a América é a terra das oportunidades e da prosperidade; já nos contos de *Ilhéu dos Pássaros*, a Europa é palco de tragédias. No entanto, não é possível fazer uma divisão maniqueísta ligando utopia somente a *Chiquinho* e remetendo a distopia apenas para *Ilhéu dos Pássaros*: nem sempre a América de *Chiquinho* é retratada de forma otimista, e nos contos de *Amarílis* podemos encontrar também (raras) perspetivas positivas sobre o que é ser emigrante na Europa.

Chiquinho, o protagonista e narrador da obra de Lopes, mantém uma visão consistentemente idílica da América. Inspirado pelas cartas do pai, tem também conhecimento da realidade diaspórica de vários outros filhos das ilhas, pois é o porta-voz das mensagens de além-mar. Grande parte da população cabo-verdeana tem baixos níveis de literacia, pelo que é *Chiquinho* quem lê as cartas dos patrícios aos seus parentes iletrados. A inocência do seu olhar de criança sobre a imigração – uma realidade que lhe é distante, mas, ao mesmo tempo, tão próxima –, impregna a visão desse mundo imaginado. Para ele, a América apresenta-se como uma versão fértil de Cabo Verde, onde projeta a realidade rural de São Nicolau, com bonitas ribeiras e hortas fartas, com chuva suficiente para boas colheitas, diferente do que sabemos ter sido a realidade industrial de New Bedford, onde o pai trabalha. O jovem *Chiquinho* é apresentado pelo narrador (o mesmo *Chiquinho* já adulto) como uma personificação da alma sonhadora das gentes das ilhas, que mantêm a esperança mesmo em tempos de crise e que têm no sonho de destinos desconhecidos prósperos uma forma de escape à realidade cruel. Diz ele que “[l]á não havia a face negra da fome rondando casa de pobre. Lá fora não devia haver pobre... O mar tinha tanta água que dava comida para todo o mundo” (Lopes 248). Nesta perspetiva, tudo na América é idílico e bom.

Porém, outras personagens nos mostram que nem sempre há finais felizes para a diáspora. Como leitor oficial das cartas dos patrícios, *Chiquinho* não pode deixar de transmitir igualmente más notícias. Um desses momentos acontece quando é chamado para ler a carta em que António João Duarte tem o triste dever de comunicar a morte do filho de Nhá Tudinha, Manuel, num terrível acidente com uma máquina na fábrica onde trabalhava. A revolução industrial trouxe a automatização dos processos de fabrico, com máquinas sofisticadas que permitiam uma maior eficiência e produtividade, mas condições de trabalho precárias. A eficiência era, muitas vezes, feita à custa de vidas humanas, pois a falta de mecanismos de segurança levava a frequentes acidentes de consequências trágicas. Por José Lima, um ex-emigrante nos Estados Unidos que regressara a Cabo

Verde para passar a velhice, tomamos conhecimento de que a aceitação de imigrantes nos Estados Unidos estava dependente de um humilhante exame físico a que os cabo-verdianos tinham obrigatoriamente de se submeter na Casa da Emigração de New Bedford, onde eram alvo de chacota. Para ele, um emigrante toma necessariamente consciência de quão relativa a posição social que tinha em Cabo Verde pode ser, concluindo que “a todos as fábricas nivelaram, reduzindo a nada a sua aristocracia intelectual com que saíram das ilhas” (259). Trabalhar anos a fio numa fábrica têxtil, sem equipamento de proteção, causa doenças crônicas, como a tosse seca que nunca o largava. Apesar de tudo, consegue ver o lado positivo da experiência: ir para a América foi uma aventura, o ponto alto da sua vida, saindo enriquecido enquanto ser humano e cabo-verdiano. O final em aberto do romance, com Chiquinho num navio rumo à América, permite-nos pensar na possibilidade de uma vida de novas oportunidades para a diáspora cabo-verdiana; predomina a esperança num futuro mais próspero.

A carta onde se comunica a morte de Manuel, em *Chiquinho*, encontra paralelo no conto de *Ilhéu dos Pássaros*, “Thonon-Les-Bains,” através da carta que Gabriel envia à madrasta, nh’Ana, transmitindo a dolorosa notícia do assassinato da sua filha Piedade. Destino frequente de emigração, a cidade francesa de Thonon-Les-Bains (parte oriental perto da fronteira com a Suíça) representa o cenário distópico por excelência nesta coletânea de contos de Amarilis. Sabemos que Gabriel conseguira convencer nh’Ana a enviar a filha Piedade para França, com a promessa de que em breve ela e mais dois filhos se lhes juntariam. Assim, tenta sempre mostrar o lado positivo da experiência diaspórica, descrevendo nas escassas cartas o quanto gosta do trabalho na fábrica de esquis, que o patrão de Piedade os deixa dormir no *caveau* da escada no corredor do hotel onde esta faz limpeza, e como é bom ter a possibilidade de comprar uma televisão a cores com controlo remoto. Mas inferimos que o trabalho é duro e que as condições de vida são precárias. Nh’Ana sonha com o dia em que pudesse começar o seu próprio negócio na ilha com o dinheiro que Piedade lhe enviaria de França; mantém a esperança numa vida melhor, providenciada pela filha emigrante.⁵ Nas cartas, Gabriel comunica que Piedade tem um noivo francês, Jean, mais velho que ela, com quem espera casar-se em breve. É Jean o responsável pela morte de Piedade, degolando-a na casa de banho da casa de uns amigos de Gabriel. O acontecimento trágico tem consequências não menos funestas: Gabriel e os amigos são expulsos da casa onde vivem e ninguém lhes aluga quarto, o que os obriga a sair da cidade e a começar a vida do zero. Ele sabe ser Jean o culpado, mas acusá-lo

às autoridades teria sido em vão: “Eles sabiam mãe Ana, sabiam, isto é, desconfiavam, mas eu sou emigrante. Emigrante é lixo, mãe Ana, emigrante não é mais nada” (Amarílis 25). Na análise ao conto, McNab caracteriza este acontecimento macabro como a primazia do nativo europeu sobre o estrangeiro não-europeu, mas também como a supremacia racial do branco sobre o não-branco e, de forma mais abrangente, do primeiro mundo sobre o terceiro; o sexismo, a xenofobia e o racismo são as razões ocultas de Jean para assassinar Piedade (65-66).

Distópico é também o destino de Xanda, a personagem feminina do conto do *Ilhéu dos Pássaros* com o mesmo nome. Menina atrevida, é levada ao gabinete das autoridades por ter chamado “piducas” a dois polícias.⁶ As idas frequentes à administração fazem com que a família suspeite de um caso amoroso com o administrador. Pouco depois, anuncia a sua ida para Lisboa por ter lá emprego garantido (um favor do amante, talvez). Por ser jovem, tem uma visão otimista da vida: quer trabalhar e continuar a estudar, sonha tirar um curso. Mas, já em Lisboa, um encontro inesperado com um seu conterrâneo, Ildo, mostra como a realidade é bem diferente do que Xanda tinha imaginado. Sabemos, por ele, que se transformou em *persona non grata* pela sua ligação à PIDE: “Ninguém te pode salvar agora. Segue o teu caminho. Pidoca! Bufona!” (Amarílis 117). Acaba em Dakar, fugida. Desde *Chíquinho*, Dakar (capital do Senegal) é por excelência a cidade associada à prostituição, a única alternativa migratória para as mulheres; não há razões para pensarmos que a sorte de Xanda tenha sido diferente da de tantas outras.

A realidade distópica que temos vindo a tratar pode ser resumida pela mãe de Mandinha, no conto “Canal Gelado”: “Vida é vida. Vida não é romance” (Amarílis 75). A realidade crua é o oposto da ficção, onde tudo é belo e feliz. Contudo, apesar de ficcional, esta obra não é um romance e muito menos feliz: a coletânea começa com uma tragédia e termina em tom de lamento, o que não traz bons augúrios para o futuro da diáspora cabo-verdiana. O último conto, “Requiem,” narra a história de Bina, uma aspirante a escritora que se sente frustrada por não conseguir escrever. *Requiem* é o nome dado à missa por alma dos defuntos, designando também as composições musicais associadas à morte e ao luto. Vindos de uma escritora de inspiração neorrealista, acreditamos que os retratos que Amarílis nos oferece nestes contos são relativamente fiéis ao universo das ilhas. A possibilidade de resolução dos conflitos sociais pela escrita combativa também não será solução: Bina acaba por deitar os papéis da história que estava a escrever no lixo, num gesto de desalento que reflete o desânimo de Cabo Verde nos anos da pós-independência (que chegou em 1975). A esperança

num futuro melhor, que *Chiquinho* oferece ao deixar a narração da sua história em aberto, é deitada fora em *Ilhéu dos Pássaros*; o *requiem* anuncia o fim: não há uma perspectiva otimista do que está para vir.

5. Força Centrífuga e Força Centrípeta – Dispersão e Convergência

As forças em ação nas narrativas aqui analisadas merecem, igualmente, reflexão. Se, por um lado, há um movimento de dispersão a que podemos chamar de força centrífuga, com um ponto de partida que impulsiona para o exterior, existe um movimento contrário de convergência, o da força centrípeta, em que vários pontos dispersos são projetados numa única direção. As epígrafes de *Chiquinho* e *Ilhéu dos Pássaros* são bons pontos de partida para essa reflexão, uma vez que dão o mote para a leitura das histórias. Referi acima que um dos objetivos das revistas *Clareza* e *Certeza* era a defesa do crioulo como língua literária. Ao escolher um excerto de morna em crioulo (com tradução em português), Lopes assume essa posição de orgulho da língua e cultura que caracterizam a caboverdianidade. Diz a epígrafe: “O corpo, que é escravo, vai; / O coração, que é livre, fica...” (9). A abundância de ideias paradoxais nestes pequenos versos demonstra a riqueza da música cabo-verdiana. A morna é geralmente um gênero cantado em tom de lamento, de cadência lenta, em que os temas da partida, do mar e da saudade são dominantes, refletindo a realidade diaspórica que informa a identidade cabo-verdiana.⁷ Corpo e coração dividem-se: o primeiro é o objeto material obrigado a sair de Cabo Verde em busca de destinos mais promissores, escravo das duras circunstâncias climáticas; o segundo é etéreo e imaterial: apesar de ir com o corpo, permanece ligado à terra-mãe por um sentimento que supera a distância física da ausência. Wilson Trajano Filho salienta que a difícil escolha entre partir e ficar é um dilema experimentado pelos migrantes através da noção de saudade. Este fator de tensão social e sofrimento transformou-se num dos tropos das manifestações culturais do arquipélago, presente na poesia, na música popular e na literatura, levando à cristalização da imagem dos cabo-verdianos enquanto povo profundamente dividido entre o impulso de partir e o de ficar (525). Essa divisão anímica é basilar às obras aqui analisadas.

Todas figuras migrantes que Lopes nos apresenta em *Chiquinho* são versões do corpo que vai e ilustram o movimento centrífugo de dispersão, como “pontos lançados ao acaso no meio do Atlântico. As ilhas eram a nossa base para partirmos” (236). Alguns eram antigos homens do mar, como o avô de *Chiquinho* (que desapareceu quando regressava a casa), Nhô Chic’Ana (marinheiro), Chico

Zepa (trancador do baleeiro *Wanderer*), Nhô João (cujas soldadas ganhas no mar lhe permitiram comprar tudo o que tinha), Nhô Loca (que saiu ainda novo para a pesca da baleia nos mares do sul), ou Nhô Maninho Bento (antigo capitão de um navio negreiro). Outros sonhavam com o mar, como o jovem Tói Mulato, que queria ser capitão de um navio e tinha no pai, morto tragicamente a bordo de um carvoeiro onde era *donkeyman*, um modelo a seguir. Outros, ainda, estabeleceram-se em Nova Inglaterra, como o pai de Chiquinho ou José Lima, operários fabris na indústria têxtil. O corpo vai, mas o coração fica, cria amarras às ilhas, quais sereias que chamam docemente pelos marinheiros, com um canto eterno que magnetiza e atrai. José Lima destaca a “saudade crioula que puxa irresistivelmente para o arquipélago o filho das ilhas mais inveterado no ritmo da vida americana” (Lopes 259). O velho sábio Totone Menga Menga sintetiza bem esse sentimento: “desembarque é que matou embarque” (Lopes 31). Uma vez em terra, já não há como escapar ao apelo irresistível das ilhas. O senhor Euclides dá, por isso, um sábio conselho a Chiquinho: “Não te deixes prender, Chiquinho. Esta terra de Cabo Verde, com a sua pobreza, não sei o que tem que puxa, atrai e pega como que grude” (Lopes 236); ficar não pode ser opção para o jovem.

Apesar de a dispersão ser a força motriz de Chiquinho, é possível estabelecer uma ponte de ligação com a coletânea de contos de Amarilis no sentido da convergência: Chiquinho menciona “o farol do ilhéu que deflagra o seu tríplice espasmo vermelho” (Lopes 188), tal como Bina, em “Requiem,” pensa no farol do Ilhéu dos Pássaros. O farol existe para guiar os barcos em segurança para o porto, fazendo com que elementos dispersos se reúnam num único ponto, atraídos pela força centrípeta. O Ilhéu dos Pássaros é central para ler os contos da obra com o mesmo nome: é o ponto de convergência do olhar e do pensamento. Não é por acaso que dá título à coletânea: aí se reúnem sete histórias independentes, sem ligação aparente entre si, forçadas a conviver num mesmo espaço material – o livro – que é, ele mesmo, o Ilhéu de que Amarilis se serve para ancorar as personagens dispersas à sua identidade cabo-verdiana. Por mais diferenciados que sejam os percursos dos protagonistas, uma coisa têm em comum: a ligação às origens.

O Ilhéu dos Pássaros aparece em todas as epígrafes dos contos e adquire diversos significados, pertinentes para entender a ligação da diáspora à terra-mãe. Em “Thonon-Les-Bains,” é o local onde a vista descansa, o ponto isolado que oferece tranquilidade de espírito a Gabriel depois de este tomar a resolução de vingar a morte da irmã. Porém, pelo contrário, pode ser o local agreste, escarpado, onde o mar revoltado se bate com as rochas, representando o estado mental

demente de Luísa. Em “Luna Cohen,” é a sentinela que guarda os portões de entrada no arquipélago ao qual nem todos têm acesso; é o sítio seguro que precisa de senha – Luna tem essa senha e ambiciona voltar à pátria dos avós, dos pais e da infância, à qual pertence. Quando tudo o resto nas ilhas muda, é o espaço que representa a estabilidade, imponente apesar da sua pequenez. O Ilhéu também é o espaço do luto que recebe as flores atiradas ao mar em gesto de saudade: quando alguém morria a bordo de um navio, como no caso de Bibinha, o seu corpo era lançado ao mar. É símbolo do desejo de regresso às origens daqueles que se encontram distantes e que têm saudades da terra-mãe. No último conto da coletânea, “Requiem,” é a memória que emerge do inconsciente, a lembrança embutida na mente de Bina que aflora quando o filtro do consciente deixa de funcionar: a imagem do farol surge como uma espécie de guia que a conduzirá a casa em segurança. Afastado da terra e rodeado de mar, o Ilhéu é a materialização do sentimento de não-pertença de que fala Smith.

Challinor explora a dicotomia entre o partir e o ficar, afirmando que o senso de identidade social cabo-verdiana é formado pela interpenetração e interdependência do “aqui” e do “lá,” ligados através da circulação transnacional de bens, dinheiro e pessoas (88). A autora serve-se da simbologia atribuída a Jano, deus romano dos inícios e transições, como a metáfora mais apropriada para examinar as manifestações cabo-verdianas de identidades sociais em que passado, presente e futuro estão em constante negociação nos limites entre a fronteira de herança africana e a de herança europeia. Jano é retratado com duas caras, em lados opostos da cabeça, o que lhe dá a habilidade de olhar simultaneamente para o passado e para o futuro. Challinor atribui à identidade cabo-verdiana uma configuração jânica, pois é marcada pelo olhar coletivo de duplo sentido: em direção ao futuro, o das novas localizações geográficas da diáspora, onde família e amigos se estabeleceram; e em direção ao passado, em que família e amigos ficaram no espaço do arquipélago, que se transforma numa pátria imaginada e desejada (84). A dicotomia entre o partir e o ficar, manifestada na oposição entre a ação centrípeta e a centrífuga presente em *Chiquinho* e *Ilhéu dos Pássaros*, é uma das principais forças motrizes das manifestações culturais cabo-verdianas em geral, e destas duas obras em particular.

6. A Emigração no Masculino e no Feminino

As experiências diaspóricas são sempre marcadas do ponto de vista de género (Clifford 258). No que toca à diáspora cabo-verdiana, homens e mulheres têm

destinos diferentes, e as suas experiências migratórias têm peso desigual nas duas narrativas, consoante se trate de uma visão masculina (*Chiquinho*) ou feminina (*Ilhéu dos Pássaros*) das suas vivências. Em *Chiquinho*, as possibilidades migratórias são muito mais diversificadas para os homens, com a opção de deslocar-se para fora do espaço das ilhas, do que para as mulheres, ancoradas a terra. Clifford destaca a tendência para ignorar a marcação de género nas experiências diaspóricas, facto que normaliza as experiências masculinas e apaga as femininas (258). Escrito nas primeiras décadas do século XX (excertos publicados na revista *Claridade*, nos anos 30), o romance não problematiza a condição feminina de estagnação territorial; o fenómeno é naturalizado e aceite como parte da vida no arquipélago. As mulheres ficam nas ilhas, amarradas aos deveres de esposa, mãe e dona de casa, e são os homens que emigram para sustentar a família. A exceção à regra é descrita no final da história, com *Chiquinho* já a bordo do navio que há-de levá-lo à América: lá, observa uma mulher e o seu filho, que vão provavelmente encontrar-se com o marido, fazendo pensar que há esperança na mudança de paradigmas. Os destinos mais comuns da diáspora são os navios baleeiros e as fábricas têxteis de Nova Inglaterra; contudo, há no romance referência a patricios emigrados na Argentina, como Amâncio (marido da Tia Alzira), Eusébio (marido de Nhá Cidália), ou o tio de Tói Mulato.

A casa construída com o dinheiro ganho pelo avô “de riba da água do mar” (Lopes 79) é governada pela mãe e pela avó de *Chiquinho*, as esposas em terra dos homens que partiram, com os dólares que o pai envia da América. A geração seguinte, a de *Chiquinho* e Nuninha, tem aspirações mais arrojadas: ele quer estudar numa universidade americana e ela quer fugir com ele, chegando a propor-lhe irem para Dakar ou para o Brasil. *Chiquinho* quer que ela se junte a ele na América, mas não para trabalhar fora de casa ou para estudar; o seu destino passaria por ser a “operária da casa... a dona da casa de um trabalhador” (Lopes 196). Numa sociedade patriarcal, a situação feminina estaria sempre ligada ao espaço doméstico, privado, da família, mesmo no território distante da diáspora.

A única alternativa para as mulheres que procuram mudar de vida passa pela cidade senegalesa de Dakar. Enquanto cidade portuária, é destino para os homens que querem fazer negócio e embarcar rumo ao estrangeiro. Porém, para as mulheres, Dakar é sinónimo de prostituição; tornar-se mocrata era o derradeiro sacrifício para fugir à miséria. Dakar rouba a inocência dessas meninas que vão para a cidade para serem exploradas, trabalhando a troco de comida e teto, e vendendo a virgindade na devassidão dos cabarés para pagar dívidas da família.

Algumas fazem bom dinheiro e conseguem arranjar parceiros que as sustentem; no entanto, têm uma vida dura e degradante. Décadas depois, através dos contos de *Ilhéu dos Pássaros*, percebemos que a situação se alterou: as mulheres já não são imóveis, têm a mesma liberdade que os homens para sair das ilhas e tentar a sorte noutros países, apesar de nem sempre serem bem-sucedidas. É o caso de Piedade, que acaba assassinada, ou de Xanda, renegada por ser uma espia da PIDE, e que foge de Lisboa para Dakar, cidade que, muitas décadas depois de *Chiquinho*, continua ligada ao estigma da prostituição feminina. No extremo oposto, temos Luna Cohen, uma investigadora que se desloca à Nigéria para trabalhar na tese de doutoramento, ou Bina, assistente do Poeta e intérprete em Dakar, onde trabalhava com os fugitivos da Guiné.

Clifford tenta reverter o silêncio a que são votadas as experiências diaspóricas femininas, ao atribuir-lhes uma significativa importância: a migração feminina, muitas vezes em situações-limite de desespero social e económico, quando os homens estão ausentes do seu papel tradicional de chefes de família, permite a essas mulheres uma relativa independência e controlo através de um rendimento próprio (ainda que conseguido a custo da sua exploração laboral). A vida das mulheres na diáspora não está ausente de sofrimento, devido às inseguranças materiais e espirituais de uma terra desconhecida (259). Clifford questiona se as experiências diaspóricas reforçam ou atenuam a subordinação de género (259). Em *Chiquinho*, o narrador em primeira pessoa tem a intenção de reforçar as estruturas patriarcais cabo-verdianas em solo americano, mantendo Nuninha como dona de casa. Em *Ilhéu dos Pássaros*, assistimos a uma mudança de mentalidades e de perspectiva narrativa, pois observamos o lado feminino das experiências migratórias. Apesar do reforço da ligação entre Dakar e prostituição, as mulheres dos contos de Amarílis têm acesso a vidas que as de Lopes nem sonham: estudam, têm profissões liberais e deslocam-se entre os vários espaços, independentes dos seus contrapontos masculinos.

Curiosamente, verifica-se, na coletânea de Amarílis, um intercâmbio entre a Inglaterra e a Nigéria enquanto espaços de diáspora. No aeroporto de Ikeja, Luna (personagem principal do conto com o mesmo nome) conversa com um homem inglês, engenheiro, que lhe diz estar na Nigéria como emigrante em busca de melhores oportunidades: “Sou engenheiro, mas lá [Inglaterra] o trabalho não garante o sustento de uma casa” (51). Inglaterra tem baixa procura de mão-de-obra qualificada, em alta demanda na Nigéria; pelo contrário, as camadas mais baixas da população nigeriana encontram em Londres o espaço onde montar

o seu pequeno comércio, como descreve o conto “Requiem”: “os da Nigéria, dos Barbados, da Jamaica, quiseram o espaço debaixo da ponte para mercado” (Amarílis 130). O trânsito entre um ex-território colonial e a metrópole que o controlou durante décadas ou séculos não se restringe à realidade portuguesa; verificamos, com a referência à dicotomia Inglaterra/Nigéria, que os diferentes tipos de mão-de-obra têm pesos e influências distintos: os trabalhadores não qualificados, oriundos dos países africanos, têm somente à sua disposição trabalhos mal remunerados nas metrópoles que outrora os governavam; por outro lado, os trabalhadores qualificados, como o engenheiro britânico, encontram nos países africanos o potencial de desenvolvimento económico que lhes permite tentar uma nova forma de controlo (colonial) através da superioridade intelectual que não é valorizada no seu país de origem.

A miséria, a falta de infraestruturas e o limitado sector da educação levam a que grande parte da população cabo-verdiana se encontre fora dos limites geográficos do arquipélago. Em *Chiquinho*, assistimos à emigração do setor mais carenciado da população como êxodo à fome e à seca, para territórios onde apenas os trabalhos mais pesados e mal pagos estavam disponíveis. Em *Ilhéu dos Pássaros*, encontramos não só quem consiga trabalhos que requerem mão-de-obra não qualificada, mas também uma geração diferente de emigrantes, com estudos, que procura no estrangeiro uma forma de valorização pessoal das suas capacidades intelectuais. Diz Pires Laranjeira que emigrar não é desistir, mas insistir na melhoria de vida e a única forma de quebrar o cerco do isolamento e do provincianismo; parte-se com o objetivo de regressar com mais condições do que aquelas com que se foi (209). E, até se regressar, as remessas enviadas aos familiares nas ilhas, quer em géneros quer em capital, são essenciais para a economia do arquipélago.

7. Considerações Finais: Ser Cabo-Verdiano em *Chiquinho* e em *Ilhéu dos Pássaros*

Independentemente da razão que os leve a sair de Cabo Verde, os filhos e filhas das ilhas terão sempre uma ligação afetiva com a terra que os viu nascer. O mar, a saudade, a terra-longe e o regresso são poderosos tropos da cultura popular que mantêm vivo o desejo de aventura numa terra distante (Trajano Filho 524). A identidade cabo-verdiana retratada por Lopes e Amarílis está intimamente ligada ao mar, nos seus sentidos mais ambivalentes. O mar é mulher caprichosa que precisa de afagos, de canções, de carinho, e campo de batalha para conquistas amorosas; o mar é a barreira que separa quem fica de quem parte, e é

a ponte de ligação entre o mundo conhecido e o desconhecido, para onde se parte à aventura; o mar é ponto de partida, mas também última morada, onde ficam sepultados os que morrem nos navios. Existe uma ironia nessa ligação identitária cabo-verdiana à água que não passa despercebida a Halter: os emigrantes encontram a prosperidade económica nos laços com o mar, enquanto a terra-mãe definha com a seca e falta de chuva (23). Enquanto nação insular com um clima árido, o país permanece vulnerável às secas e à baixa produtividade agrícola (cerca de 90 por cento da comida é importada), ao que se junta um aumento substancial da população, concentrada agora em áreas urbanas onde o investimento se torna crucial (Rodrigues, “Cape Verde”). A seca, o mar e a diáspora são Cabo Verde. Outro dos fatores fundacionais da identidade cabo-verdiana é o sentimento diaspórico de dupla não-pertença, como Smith bem mostrou. Um emigrante é um navio em trânsito entre dois portos, duas realidades, não pertencendo verdadeiramente a nenhuma: não está fisicamente em Cabo Verde, mas não é aceite pela sociedade onde pretende recomeçar a vida. Nessa linha, a diáspora é também o Ilhéu que permanece no espaço “entre,” algo que tem uma aura de mistério, que está longe e, ao mesmo tempo, perto.

A língua é igualmente um fator a ter em conta na construção identitária em Lopes e Amarilis: ambos defendem o crioulo como língua literária e fazem uso da tradição oral para mostrar a sua força expressiva em relação ao português. Apesar de oficial (adotado pelo Estado desde a sua independência), o português é, tal como o inglês ou o francês, aprendido como segunda língua; é útil para quem sai das ilhas em busca de novas oportunidades, mas não é a língua falada no dia-a-dia. O crioulo continua a ser a língua materna de uma grande maioria de cabo-verdianos, ainda que não faça oficialmente parte do programa de ensino público – situação que tem vindo a ser revista, com a introdução de programas-piloto de ensino bilingue em português e crioulo, como o de Ana Josefa Cardoso, tendo por base a pesquisa da sua tese de doutoramento (Almeida, “Ensino Bilingue”).⁸ Esta situação de diglossia demonstra a ligação entre prestígio social e a língua do antigo colonizador – Rodrigues (“Cape verde”) afirma mesmo que esta se pode considerar uma forma de reprodução pós-colonial do colonialismo luso. Um quarto fator identitário é a miscigenação. Ser cabo-verdiano não é sinónimo de ser negro ou africano (designações atribuídas aos cabo-verdianos na sociedade americana): é ser herdeiro de uma mistura de etnias africanas e europeias, sintetizadas na figura do mulato. Num cenário diaspórico, o orgulho crioulo é motivo de exclusão e traz angústia, pois é difícil saber qual o

seu lugar na sociedade. No conto “Requiem,” Bina é expulsa de um comício de negros de forma insultuosa: “Get out of here. Tu não és da nossa raça, tu és cruzada” (Amarilis 130), situação embaraçosa à qual se vem juntar uma outra, com uma senhora a perguntar-lhe se era brasileira.

A caboverdianidade manifestada nas obras de Lopes e Amarilis está ligada, de forma inequívoca, às experiências diaspóricas. Esta diáspora de que tenho vindo a falar corresponde à definição do termo por William Safran, cujas principais características incluem: um historial de dispersão de um centro para locais periféricos, a manutenção de mitos e memórias da pátria, a alienação do país anfitrião que não aceita as comunidades migrantes, o desejo de um eventual regresso à pátria, o compromisso de apoio e renovação da pátria, e a identidade coletiva e solidariedade de grupo desenvolvida em relação à pátria (Clifford 247). Todas estas características podem ser encontradas nas representações literárias da diáspora cabo-verdiana das duas obras literárias: o centro, Cabo Verde, dispersa-se por vários continentes, sendo a Europa e a América do Norte os principais espaços geográficos da diáspora; as memórias da pátria são mantidas vivas por aqueles que estão longe e se veem impossibilitados de regressar; a não-aceitação das comunidades migrantes nos países anfitriões é explorada por Lopes e Amarilis, com um humilhante exame físico a que os cabo-verdianos tinham obrigatoriamente de se submeter na Casa da Emigração de New Bedford, onde eram alvo de chacota (*Chiquinho*), e o trágico assassinato de Piedade em França, e a expulsão do seu irmão Gabriel da comunidade de Thonon-Les-Bains (*Ilhéu dos Pássaros*). O desejo de regresso à pátria está intrinsecamente ligado ao compromisso de apoio ao país que se deixou para trás, através das remessas de dinheiro que têm por objetivo não só ajudar a sustentar as famílias que ficaram em Cabo Verde, mas também planear um futuro regresso com estabilidade económica e ostentação de bens materiais.

Do ponto de vista das elaborações literárias da condição sociocultural cabo-verdiana partilhada pelas obras de Lopes e Amarilis, ser cabo-verdiano é pertencer a uma comunidade original miscigenada de grande riqueza cultural e linguística onde são visíveis as influências africanas, europeias e americanas, e que não pode ser entendida apenas dentro das fronteiras geográficas do território. A diáspora tem um peso significativo no entendimento da identidade deste povo e a análise comparativa entre *Chiquinho* e *Ilhéu dos Pássaros* aqui apresentada mostra como é possível, ao longo de décadas, fazer uso desse mote de forma fértil em contexto literário. Não é minha pretensão afirmar que tropo da identidade cabo-verdiana enquanto diaspórica se restringe à análise destas duas obras; este

tópico abrangente tem vindo a ser alvo de estudos e debates académicos, tão recentes quanto, por exemplo, a conferência organizada pela Universidade de Cabo Verde a 28 de Abril de 2016, com o premiado poeta José Luís Tavares como principal palestrante, ou o conjunto de ensaios *Díaspóra Cabo-Verdiana: Temas em Debate*, organizado por Iolanda Évora, e publicado no mesmo ano. Como prova a recente tradução inglesa de *Chiquinho* e as prolíficas pesquisas de base literária, sociológica, antropológica e histórica, Cabo Verde e as suas comunidades diaspóricas têm vindo a conquistar a merecida visibilidade de que foram privados por décadas de exclusão social, económica e política.

NOTAS

1. Baltasar Lopes tinha um projeto para a continuação de *Chiquinho* que retrataria a sua vida de emigrante já nos Estados Unidos. Chamar-se-ia *Acushnett Street*, mas nunca chegou a ser escrito.

2. António Coelho foi o primeiro cabo-verdiano americano a ser dono de um desses navios, o “Nelly May,” que levantou velas para Brava em 1892.

3. De acordo com dados de 2009 do International Center for Migration Policy Development, recolhidos por Iolanda Évora em “Migration or Diaspora? Perceptions of the Cape Verdean Dispersion in the World,” o censo de 2000 indicava que 500 mil cidadãos cabo-verdianos viviam no estrangeiro, e 450 mil nas ilhas, confirmando que Cabo Verde mantém uma comunidade diaspórica maior que a residente no arquipélago.

4. Dados sobre a emigração na área rural de Santiago, entre 1979 e 1981, confirmam que por cada 100 migrantes, 92 são homens (Trajano Filho 527).

5. Uma parte substancial do dinheiro que circula localmente em Cabo Verde vem diretamente das remessas dos que vivem no estrangeiro, enviadas para subsistência dos parentes que permanecem na ilha, para a construção da casa em que sonham viver quando regressarem, ou para pagar o arrendamento de hortas de que os familiares tomam conta (Trajano Filho 535).

6. Nome depreciativo para se referir à Polícia Internacional e de Defesa do Estado, comumente conhecida por PIDE, na época da ditadura salazarista.

7. Há mais duas referências importantes às mornas em *Chiquinho*: uma tem o título “Pau Matou o Meu Filho,” em que uma mãe conta a história do filho que se afogou na viagem de regresso a casa, da América, depois de ter trabalhado como escravo; a outra morna é a de *Chiquinho* e Nuninha, que Alcides escreveria. Diz ele que seria diferente das mornas tradicionais de “saudades lancinantes, da tristeza da separação e do desespero das noivas pelo destino dos namorados emigrantes que os navios de vela sepultam no fundo do Golfo quando regressam da América” (134), pois seria uma história de amor com final feliz.

8. A experiência-piloto do Ensino bilingue foi implementada nas escolas de Ponta d'Água, na cidade da Praia, e de Flamengos, em São Miguel (ilha de Santiago), no ano letivo 2013/14. Nos anos letivos seguintes, o projeto foi alargado a mais algumas escolas de São Vicente; no entanto, não houve seguimento por necessidade de implementação de melhorias, segundo declarações da ministra da Educação e Inclusão Social, Maritza Rosabal, ao jornal eletrónico Muzika (21 fevereiro de 2019).

OBRAS CITADAS

- Abdala Junior, Benjamin. "Globalização, Cultura e Identidade em Orlanda Amarílis." *Portuguese Literary / Cultural Studies 8: Cape Verde – Language, Literature & Music*. Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts Dartmouth, 2003, pp. 213-26.
- Almeida, Sara. "Ensino Bilingue: Duas Línguas a Par e Passo." *Expresso das Ilhas*, 27 de fevereiro de 2015, <https://expressodasilhas.cv/pais/2015/02/27/ensino-bilingue-duas-linguas-a-par-e-passo/44130>. Acesso em 18 de julho de 2019.
- Amarílis, Orlanda. *Ilhéu dos Pássaros*. Plátano Editora, 1982.
- Andrade, Elisa Silva. "7: Cape Verde. A History of Postcolonial Lusophone Africa, edição de Patrick Chabal et al. Indiana UP, 2002, pp. 264-290.
- . *The Cape Verde Islands: From Slavery to Modern Times*. United Nations African Institute for Economic Development and Planning, 1973.
- Carvalho, Alberto de. "Lugares Étnicos e Maravilhosos do Imaginário Cabo-Verdiano (em Chiquinho, de Baltasar Lopes)." *Portuguese Literary / Cultural Studies 8: Cape Verde – Language, Literature & Music*. Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts Dartmouth, 2003, pp. 171-93.
- Challinor, Elizabeth Pilar. "Home and Overseas: The Janus Faces of Cape Verdean Identity." *Diaspora*, vol. 17, nº 1, 2008, pp. 84-104.
- Clifford, James. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Harvard University Press, 1997.
- David Brookshaw. "Part II: Cape Verde." *The Postcolonial Literature of Lusophone Africa*, edição de Patrick Chabal. Hurst & Company, 1996, pp. 179-233.
- Ellen, Maria M., trad. *Across the Atlantic: An Anthology of Cape Verdean Literature*. Center for the Portuguese Speaking World (Southeastern Massachusetts University), 1988.
- Évora, Iolanda, org. *Diáspora Cabo-Verdiana: Temas em Debate*. CESA – Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina, 2016.
- Évora, Iolanda. "Migration or Diaspora? Perceptions of the Cape Verdean Dispersion in the World." *Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento*, 2013, https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc_trabalho/WP115-2.pdf. Acesso em 23 de julho de 2018.

- Halter, Marilyn. "Introduction: The Cape Verdeans – All Shades, All Hues." *Between Race and Ethnicity: Cape Verdean American Immigrants, 1860-1965*. University of Illinois Press, 1993, pp. 1-33.
- Laban, Michel. *Cabo Verde: Encontro com Escritores*, vol. 1. Fundação Eng. António de Almeida, 1992.
- Laranjeira, Pires. "Parte III – Cabo Verde." *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Universidade Aberta, 1995, pp. 177-250.
- Lobban Jr., Richard A. e Paul Khalil Saucier. *Historical Dictionary of the Republic of Cape Verde*. Scarecrow, 2007.
- Lopes, Baltasar. *Chiquinho*. Prelo, 1961.
- . *Chiquinho: A Novel of Cabo Verde*. Tradução de Isabel Fêo Rodrigues e Carlos Almeida, Tagus Press, 2019.
- McNab, Gregory. "Sexual Difference: The Subjection of Women in Two Stories by Orlanda Amarílis." *Luso-Brazilian Review*, vol. 24, nº1, 1987, pp. 59-68.
- "Projeto Bilingue: Há um Conjunto de Situações a Resolver para que Seja Implementado de Outra Maneira, Diz Ministra." *Muzika*, 21 de fevereiro de 2019, <https://muzika.sapo.cv/eventos/novidades-eventos/artigos/projeto-bilingue-ha-um-conjunto-de-situacoes-a-resolver-para-que-seja-implementado-de-outra-maneira-diz-ministra>. Acesso em 18 de julho de 2019.
- Rodrigues, Isabel. "Cape Verde." *Oxford Bibliographies – African Studies*, 2014, <https://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199846733/obo-9780199846733-0155.xml>. Acesso em 20 de maio de 2019.
- Sapega, Ellen W. "Notes on the Historical Context of *Claridade*." *Portuguese Literary / Cultural Studies 8: Cape Verde – Language, Literature & Music*. Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts Dartmouth, 2003, pp. 159-70.
- Schreiner, Kay-Michael. *Frauen in der dritten Welt - Reportagen, Erzählungen, Gedichte*. Hammer, 1986.
- Smith, Bradley. "Other Atlantics: Cape Verde, Chiquinho and the Black Atlantic World." *Comparative Literature Studies*, vol. 49, nº 2, 2012, pp. 246-64.
- Trajano Filho, Wilson. "The Conservative Aspects of a Centripetal Diaspora: The Case of the Cape Verdean Tabancas." *África*, vol. 79, nº 4, 2009, pp. 520-42.

DIANA SIMÕES é doutorada em Estudos e Teoria Luso-Afro-Brasileiros, pela Universidade de Massachusetts Dartmouth (2019). A sua pesquisa centra-se na narração póstuma de contos e romances dos séculos XX e XXI escritos em português, através da lente da teoria pós-colonial. A autora tem artigos publicados em várias revistas especializadas e está, atualmente, a preparar o seu manuscrito para publicação. Atualmente, desempenha funções de instrutora visitante de língua e culturas portuguesas na Universidade de Massachusetts Lowell.